



Escotismo na Prática

Ideias para Escotistas



União dos Escoteiros do Brasil



ESCOTEIROS
DO BRASIL

ESCOTISMO NA PRÁTICA

IDEIAS PARA ESCOTISTAS

**4ª Edição - 1.000 exemplares
2018**

Título original:
SCOUTING IN PRACTICE – Ideas for Scout Leaders



World Organization of the Scout Movement

Tradução de:
André Monteiro Fagundes

Organização:
Diretoria Executiva Nacional

Edição:
Escritório Nacional
(edição revisada em Dezembro/2018 por Vitor Augusto Gay)

Fotos e Ilustrações:
As fotos da capa são de autoria de João Leonardo Madalosso.
As ilustrações internas foram digitalizados da edição original.

OBRA PUBLICADA EM CONSONÂNCIA COM O PROJETO EDUCATIVO
DO ESCOTISMO BRASILEIRO

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação, incluindo as ilustrações, pode ser adaptada, reproduzida, armazenada ou transmitida, sob qualquer forma, sem a prévia autorização da Diretoria Executiva Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, que detém sua propriedade intelectual.

União dos Escoteiros do Brasil
Escritório Nacional

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - CEP 80250 100 - Bairro Água Verde - Curitiba - PR
Tel.: (41) 3353 4732 | www.escoteiros.org.br

ÍNDICE

Prefácio	4
Perfil de um Escotista	5
Adultos servindo aos jovens	9
- Um espaço	9
- Uma relação	11
O objetivo: o desenvolvimento completo do indivíduo	12
Uma opção Educacional	18
Um sistema Educacional	21
1. Uma Proposta	22
2. Um Método	22
3. Dinâmica	33
Conclusão	40

PREFÁCIO

Esta publicação é dirigida a todos os Escotistas, em todo o mundo. Seu objetivo é relembrar as bases do Escotismo a todos aqueles que se inspiram no Método Escoteiro para contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens. Onde quer que estejam, espera-se que a publicação seja de uso direto nas suas atividades diárias, orientando o que precisam saber para praticar o Escotismo. Em todas as partes do mundo e em todas as culturas, todos os Escoteiros precisam ter algo em comum.

Evidentemente, em nível nacional, estes elementos têm que ser adaptados à realidade do país, à sua cultura e condições sócio-econômicas, a fim de atender às necessidades dos jovens de forma efetiva. Da mesma maneira, em nível local, cada escotista tem que adaptar estes elementos às características dos jovens da sua seção, em sintonia com a interpretação dada em nível nacional.

Para que estas adaptações sejam feitas, você terá que conhecer primeiro os elementos comuns, sem os quais o Escotismo não existiria. Estes elementos serão apresentados nesta publicação.

Os exemplos fornecidos são apenas ilustrativos. Não são exemplos universais e não pretendem ser representativos da enorme variedade encontrada dentro de nosso movimento mundial.

Esperamos que todos os escotistas que leiam esta publicação pratiquem Escotismo com qualidade, orientados para os jovens e atentos à realidade atual, não apenas com sucesso, mas também com prazer.



“O escotista não deve ser um professor, nem um comandante, nem mesmo um padre, ou instrutor. Ele deve se colocar como um irmão mais velho, isto é, ver as coisas do ponto de vista do jovem. Liderar e guiar, canalizando o entusiasmo na direção certa.”

B-P

PERFIL DE UM ESCOTISTA

Miguel tem 35 anos. Ele é um especialista em informática que trabalha numa loja que vende computadores e programas e fornece serviços de assistência técnica. Ele também é chefe de uma Tropa Sênior com 25 rapazes e moças, com idades entre 14 e 17 anos. Miguel chefia a tropa com a ajuda de 2 assistentes, ambos pouco mais novos que ele. Como muitos outros, ele se tornou um “educador” através da prática, educando seus próprios filhos, agora com 8 e 10 anos. Ele não é, de forma alguma, um “educador profissional”, mas simplesmente alguém que se preocupa com o futuro dos jovens e decidiu “fazer alguma coisa”.



Ele já havia sido escoteiro. Baseado na sua experiência pessoal, sentiu que o Escotismo poderia ensinar os jovens a encarar a vida, e decidiu se tornar um escotista. Ele não espera reviver o que experimentou vinte anos antes – os jogos, os projetos e acampamentos – pois sabe que as coisas mudam. Ainda assim, ele sente algo especial quando está com os escoteiros.

Quando ele pensa nos filhos, no que fazem e nas coisas que poderiam acontecer a eles, sente-se diretamente responsável, diretamente envolvido. Se algo de errado acontecesse, seria seu erro e ele se sentiria culpado. Assim sendo, ele deve tomar cuidado para não correr riscos. Ele também se sente responsável por seus escoteiros, mas não da mesma maneira. Não tem os mesmos medos. Na verdade, ele está lidando com jovens, mas esses jovens não dependem dele. O relacionamento é diferente, pois a distância entre eles é maior. Basicamente, ele não espera que eles tenham sucesso onde ele não teve. Ele apenas espera que eles se sintam realizados.

Todos sabem que é mais fácil lidar com os filhos dos outros que com os seus próprios. Os escotistas também sabem disso, e Miguel não é exceção. Provavelmente, é este conhecimento que permite

que ele tenha um relacionamento diferente com os jovens. Entre especialistas, isso seria chamado de “relacionamento educacional”. Para Miguel, entretanto, é simplesmente a maneira como ele se relaciona com os jovens da sua tropa. Esta “maneira de ser” é muito complexa e envolve muitos elementos mas, essencialmente, é sentida e experimentada espontaneamente, de forma não deliberada. Na realidade, ela se origina de uma ideia simples, que todos compreendem: que a educação, o desenvolvimento de uma pessoa, é um processo. Em outras palavras, uma sequência de eventos relacionados, escalonados ao longo do tempo (em oposição a algo que se passa instantaneamente).

De acordo com especialistas, este processo compreende 4 fases, e cada um de nós, não importando em que área ou que progresso alcancemos, passamos inevitavelmente por elas. Primeiro, temos a consciência. Por exemplo: “Eu posso (tenho permissão, ou sou fisicamente capaz de) andar, correr ou escalar”. Essa consciência transforma o potencial (Eu posso) em capacidade, em algo possível.

Assim sendo, “eu tento”, “eu experimento (andar, correr, escalar)” e tiro conclusões desta experiência (é fácil, difícil; exige esforço, treinamento; envolve riscos). Baseado nestas conclusões, eu abandono ou desenvolvo esta capacidade (eu treino e pratico; melho minhas habilidades e desempenho), tornando-a parte da minha experiência de vida.

Colocado dessa forma, pode parecer complicado, enquanto que na verdade é um processo natural, um caminho que cada um de nós trilhou inúmeras vezes. Como escotista, Miguel apenas acompanha os jovens sob sua responsabilidade através deste caminho. Ele, certamente, não colocaria as coisas desta maneira, mas o que ele faz realmente é criar as condições para que esse processo de conscientização, experiência, análise, melhoramento e integração aconteça. Para ajudá-lo com os jovens ele tem um método a sua disposição: o Método Escoteiro.

Miguel compreende que o desenvolvimento de uma pessoa deve levar ao surgimento de um indivíduo autônomo, capaz de decidir por si próprio, bem como alguém que seja prestativo e que leve em consideração os interesses dos outros, quando tomando decisões ou fazendo escolhas. Ele também sabe que o Escotismo propõe um certo número de objetivo de desenvolvimento, que ele compreende, e que

são adaptados às diferentes faixas etárias. Seu papel, como escotista, é guiar os jovens com quem trabalha para alcançarem estes objetivos. Motivá-los, percebendo claramente que, para que isso seja possível, cada jovem deve aceitar estes objetivos, adaptando-os às suas próprias condições e os reformulando. O que conta é a orientação geral. Os detalhes variam de uma pessoa para outra. Toda vez que Miguel, enquanto escotista, esqueceu ou ignorou esse fato, ele falhou no que havia se proposto a fazer.

Para o líder, existe portanto uma direção geral a ser seguida, objetivos educacionais a serem atingidos. Isto é o começo, mas não explica como atingir estes objetivos. Se a questão fosse apenas selecionar uma atividade bem idealizada para atingir esse objetivo, seria tudo muito fácil! A atividade é apenas um “veículo”, mas não um “míssil teleguiado”! Outros elementos entram em cena no Método Escoteiro, e é tarefa de Miguel, como escotista, aplicá-los de modo inteligente.

Ao tomar o exemplo da “maneira de agir” de Miguel com sua tropa (os especialistas chamariam de “estilo de liderança”), fica claro que esta “maneira” deve ser compatível com os objetivos esclarecidos. Se Miguel quer que seus Seniores e Guias aprendam a importância do diálogo e do respeito, ele não pode impor suas escolhas e decisões ao grupo de jovens. O que vai acontecer, os projetos a serem desenvolvidos, as regras e regulamentos da tropa, devem ser o resultado do diálogo e refletir o respeito à opinião de todos. De outra forma a situação seria como aquela em que todos seriam iguais, mas alguns são mais iguais que os outros! O escotista não pode ser incoerente. Ele deve praticar aquilo que prega, sob pena de destruir a confiança nele depositada por aqueles a quem ele escolheu para acompanhar e ajudar a crescer.

O dia-a-dia do grupo de jovens, o que o grupo experimenta e a maneira como os elementos interagem, é outro fator que interfere no processo educacional, assim como os objetivos educacionais, o estilo de liderança e as atividades. Por que inventar uma atividade de “diálogo” ou de “ouvir os jovens”, se estes aspectos são ignorados na vida da tropa? Uma das características essenciais do Escotismo é dar, realmente, um conteúdo educacional a todos os atos naturais da vida cotidiana, e usá-los como parte integral do processo educacional. Por esta razão, quando excursionando ou acampando, Miguel dá a seus escoteiros tempo para se acomodarem, para prepararem as refeições,

arrumarem o campo – em outras palavras, tempo para viverem juntos. Alguns escotistas tenham “ganhar tempo”, eliminando o trabalho culinário (feito por terceiros ou substituído por sanduíches) de modo a sobrar horário para uma “atividade”.

O Escotismo é a escola da vida. Não podemos esquecer que foi andando que aprendemos a andar, e que isso envolveu riscos, mas que existiam sempre braços estendidos para nos amparar e apoiar.

Isso é apenas no sentido figurado, é claro, mas é assim que Miguel percebe seu papel como escotista, ou seja, criando um espaço onde o jovem possa se conscientizar do que pode fazer, com as condições de segurança para tentar e aprender com liberdade, com meios para crescer e assimilar a lição de forma a integrá-la totalmente na sua experiência de vida. Ele mantém em mente a necessidade de um completo e equilibrado desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo e espiritual de cada jovem, e assegura-se de que, no final, toda atividade implementada e o convívio diário do grupo permitam o progresso em todas estas áreas. Ele também se empenha em ter uma conduta compatível, como líder, considerando as aspirações e objetivos propostos aos seus Seniores e Guias!



“Qualquer tolo pode comandar, fazer as pessoas obedecer ordens, se tiver um adequado poder de punição a apóia-lo, caso haja alguma recusa. Algo diferente é liderar, conduzir homens com você numa grande empreitada.”

B-P

ADULTOS SERVINDO AOS JOVENS



O Escotismo é, em primeiro lugar, um movimento jovem, um lugar onde os jovens podem se expressar, experimentar, descobrir através de atividades que eles gostem, se autoafirmar e assumir seu lugar entre os outros jovens e perante os adultos.

Adultos, tanto homens, quanto mulheres, que desejam escutar os jovens, às suas aspirações e necessidades, estão ali para apoiá-los, acompanhá-los durante um período da vida, e para garantir que as atividades em que crianças, adolescentes e jovens tomam parte e contribuam para o seu desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo e espiritual.

O adulto não está lá para agir como um jovem, nem para prolongar a sua própria juventude. Como adulto num ambiente de jovens, ele deve ser ele mesmo, para poder desempenhar seu papel entre eles, ao mesmo tempo em que deve saber ouvi-los e compreendê-los. Para ser um líder é fundamental reconhecer o esforço individual de cada criança, cada jovem. Uma criança não é uma página em branco a ser preenchida de acordo com a vontade do adulto. Uma criança é um ser único, vivo, dotado de capacidades próprias e destinado a se desenvolver ao longo de sua existência. O papel do adulto é estimular este processo de crescimento, definindo indicações que permitam ao jovem encontrar seu caminho e fazer escolhas com total conhecimento dos fatos, é criar um ambiente favorável para o desenvolvimento do indivíduo. Em outras palavras, “você não pode fazer uma planta crescer, puxando o talo”.

Um espaço

Nossa vida se desenrola em diversos “espaços” diferentes. Por exemplo, o “espaço de trabalho” inclui uma série de características

específicas – lugar, cenário, atmosfera, pessoas, percepção de si mesmo e dos outros – que não são as mesmas do “espaço familiar”, que também inclui cenário, atmosfera, pessoas e a percepção de si mesmo e dos outros. Da mesma forma, ambos diferem do “espaço de diversão”, por exemplo.

Quando definimos o Escotismo como um “espaço” para o jovem, é isto que temos em mente, e este espaço inclui uma série de características que o diferencia dos outros espaços onde um jovem se desenvolve.

No “espaço escoteiro”, todos devem ter um papel a ser desempenhado, uma responsabilidade a ser encarada como contribuição na realização de um projeto, na execução de uma atividade e na vida do grupo. Desta maneira, cada um será reconhecido e desenvolverá a

autoconfiança que permitirá sua afirmação futura, para assumir novos papéis, etc. Uma das primeiras funções deste “espaço escoteiro” é permitir que se assumam papéis, que são essenciais ao crescimento. Considerando as suas características específicas, outros espaços, como o “espaço familiar” ou o “espaço escolar”, não permitem que se faça o mesmo com tanta amplitude.

O “espaço familiar” é específico, sendo muitas vezes, cheio de ambiguidades e de “coisas que não são ditas”. É muitas vezes uma área de disputas de poder, onde relacionamentos acabam consistindo em relações de força entre indivíduos, entre indivíduos e subgrupos, ou entre subgrupos. É um espaço onde todos têm planos para os outros (você será um homem, meu garoto!), e onde papéis e roteiros



Deve haver espaços onde experiências, que não acontecem na família, na escola, no trabalho, etc., possam ocorrer. O Escotismo deve ser um desses espaços.

são determinados em larga escala. Nem todas as famílias são assim, obviamente... ou será que são?

O “espaço escolar” desempenha uma função de integração social. Normalmente, este espaço acaba vítima de uma armadilha devido à ambiguidade do seu discurso “educacional” (oportunidades iguais e desenvolvimento da qualidade de todos) e da realidade “seletiva” (os ‘melhores’ são aqueles com capacidade para entrar no sistema e ter ‘sucesso’, sujeitando-se às exigências a eles impostas).

Não há dúvida que os papéis desempenhados pela família e escola são insubstituíveis, e não faltam exemplos para demonstrar como o desenvolvimento pessoal pode ser afetado e comprometido quando um dos dois falta. Infelizmente, entretanto, nenhum deles consegue superar suas dificuldades, suas contradições internas.

Uma relação

No Escotismo, a relação adulto-jovem é acima de tudo uma parceria. Em primeiro lugar, isto significa que os dois “parceiros” – cada um deles reconhece o valor do outro – estão no mesmo nível, de forma que cada um dê sua contribuição num projeto comum. Neste caso, o projeto é a vida ou, se preferir, o comprometimento por uma vida “feliz, ativa e útil”. Jovens e adultos estão comprometidos num projeto de vida e cada um é enriquecido pela riqueza do outro.

Esta relação implica a confiança, o diálogo, o ouvir o jovem, o respeito mútuo, a aceitação de que o outro pode ter desejos e necessidades diferentes e pode ver o mundo de outra maneira. A relação se baseia também no conhecimento do fato de que cada um de nós encara decisões e escolhas que somente nós, sozinhos, podemos fazer e que ninguém pode ser colocar no lugar do outro... mesmo sendo um adulto sábio, com muita experiência de vida! Este tipo de relacionamento entre um jovem e um adulto é raro, mas se você realmente pretende ser um escotista, é nesse sentido que deve batalhar.

Como adulto, no Escotismo, você assumiu um compromisso de se colocar a serviço dos jovens, e dedicar tempo e esforço para garantir que este tipo de espaço exista e que este tipo de relacionamento possa se estabelecer.



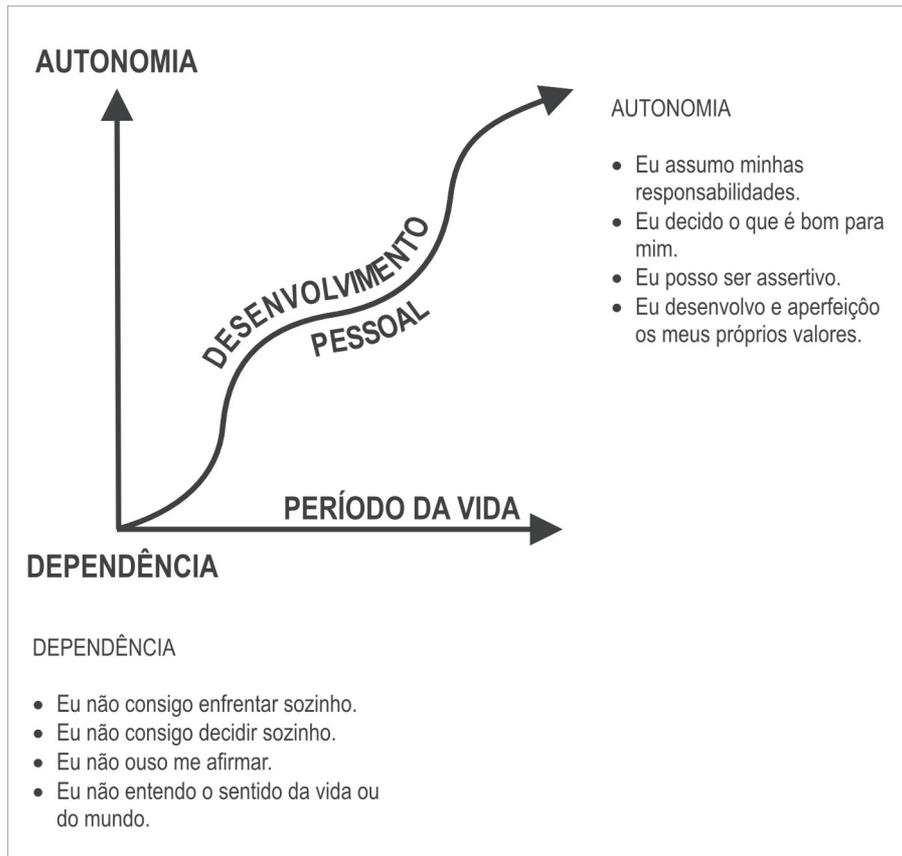
Para ser um escotista de sucesso (...) o adulto deve ter um espírito jovem e, como primeiro passo, deve ter a capacidade de se posicionar corretamente diante do jovem; ele deve perceber as necessidades, perspectivas e desejos de cada uma das diferentes fases da vida juvenil; ele deve tratar os jovens individualmente e não como uma coletividade; e ele precisa promover o espírito corporativo entre os indivíduos para obter os melhores resultados.”

B-P

O OBJETIVO: O DESENVOLVIMENTO COMPLETO DO INDIVÍDUO

Cada ser humano é único e original. Cada um de nós vem ao mundo com um conjunto de características individuais e capacidade para desenvolvê-las. É através do desenvolvimento destas características que o indivíduo amadurece. Este processo de crescimento não está, obviamente, restrito aos períodos de infância e adolescência. Ele acontece durante toda a vida, do nascimento até a morte.

1. DA DEPENDÊNCIA À AUTONOMIA



2. DO AUTO-CENTRISMO Á PREOCUPAÇÃO COM O PRÓXIMO



Vida é mudança. A vida é o movimento do corpo, do pensamento, das emoções, dos relacionamentos, da mente. Estar vivo significa estar em contínuo desenvolvimento. Desenvolvimento significa mudança, mudando-se progressivamente da dependência à autonomia em todas as áreas – física, intelectual, social, afetiva e espiritual. A vida também é descobrir outras pessoas e crescer do auto-centrismo para a preocupação com o próximo.

Nós também sabemos que este processo não é linear, que se processa em estágios (uns mais rápidos e intensos), passa por altos

e baixos, assim como se interrompe. O processo pode parar quando o indivíduo chega à conclusão de que “chegou lá” e não tem mais nada a aprender.

Naturalmente, esses dois gráficos dão apenas uma ilustração que serve para explicar o processo, mas não o descreve de forma detalhada. Você perceberá que nem todas as “áreas de desenvolvimento” são mostradas.

O ideal que se espera alcançar é o do indivíduo feliz e bem equilibrado, que seja tanto autônomo quanto protetor. Em termos individuais, a autonomia – ou seja, a capacidade de fazer escolhas, de decidir e de se firmar como uma pessoa única e responsável – representa o ideal de desenvolvimento. No entanto, esta autonomia não pode ser dissociada da preocupação com o próximo; isto é, a capacidade de dividir e compartilhar sentimentos com os outros, fazer algo por eles, ou por uma causa. Nenhum dos dois ideais é fácil de ser atingido, mas é esta dupla capacidade, autonomia e preocupação com o próximo, que se encaixa na expressão “caráter”, usada frequentemente por B-P. Em outras palavras, uma pessoa de caráter é alguém com quem se pode contar para usar todos os seus recursos disponíveis, numa dada situação, de maneira consciente, demonstrando responsabilidade consigo mesmo e com os outros.

Autonomia, como vemos aqui, não tem nada a ver com individualismo ou egoísmo. Um individualista pensa apenas em si mesmo e age de acordo com seus próprios desejos, sem preocupação com os outros, como se fosse a única pessoa no mundo. O egoísta quer trazer tudo para si, considerando-se o centro do universo. Tudo se deve ser organizado à sua volta, e os outros só existem em sua função, ou em função do que podem fazer por ele. Uma pessoa autônoma se preocupa consigo e com os outros, controlando as situações para atender aos seus interesses, enquanto respeita os outros.

Ao desenvolvermos nossa autonomia em todas as áreas, nós estamos nos capacitando para ter relacionamentos mais abertos e mais autênticos com os outros, pois uma pessoa autônoma aceita e respeita os outros como eles são, recusando-se a manipulá-los de acordo com seus próprios propósitos.

Quando falamos em “desenvolvimento em todas as áreas”, nos referimos às várias dimensões do indivíduo, ou seja, intelectual, social afetiva e espiritual. Cada uma destas áreas pode ser desenvolvida ao longo de nossas vidas. Cada uma delas pode depender de algo ou alguém que impeça a autonomia do indivíduo, precisando haver uma

“quebra” para que se alcance um maior grau de autocontrole. Autocontrole não significa ignorar, censurar ou reprimir as emoções, sentimentos ou necessidades de alguém, mas apenas controlá-los; em outras palavras, administrar e expressar os sentimentos, respeitando a integridade dos outros, garantindo o seu próprio equilíbrio.

Vamos ver alguns exemplos que ilustram que forma pode tomar esta “passagem da dependência para a autonomia” em diferentes “áreas de desenvolvimento”.

O exemplo mais simples é, obviamente, no desenvolvimento físico, por ser tangível e fácil de observar. Desenvolver a autonomia física significa desenvolver a capacidade de se mover, usar as pernas, braços e músculos. Em condições normais, não havendo doença ou deficiência, a autonomia física é atingida rapidamente. Apesar do bebê ser totalmente dependente dos outros para se mover, comer e tomar conta de si mesmo, as funções básicas são adquiridas no seu primeiro ano de vida. Entretanto, muito ainda tem que ser feito para melhorar estas habilidades físicas, para que se mantenha saudável e em boa forma. Além disso, autonomia física não diz respeito apenas à mobilidade e capacidade de praticar esportes, mas também à dieta alimentar, consumo de álcool, drogas ou fumo, à habilidade de viver com suas limitações físicas e encontrar meios de lidar com elas e superá-las; em outros termos, não permanecer “dependente”.

Desenvolvimento intelectual, por seu turno, é a capacidade de compreender e interpretar situações e ideias, julgar de maneira crítica, preservando o livre arbítrio das pessoas. Enquanto escuto o que alguém me fala, tenho a liberdade de formar minha própria opinião. É também a habilidade de lidar com a informação, analisando-a e utilizando-a para encontrar uma ou mais soluções para um dado problema. Hoje em dia, a habilidade de inovar e criar fica muita vezes comprometida. É difícil escapar ao condicionamento com que a sociedade, a moda e a mídia nos influenciam. Isso sem mencionar tudo o que visa proibir, controlar e dirigir o pensamento e ideias para uma “linha de pensamento único”, um discurso “politicamente correto” ou qualquer forma de fundamentalismo, qualquer que seja a origem.

Existe algo como “autonomia social”? Não seria uma contradição, em termos? Obviamente que não, pois “autonomia” não quer dizer ignorar os demais, não se interessar por ele e se portar como se fosse a única pessoa no mundo. Ser autônomo também significa reconhecer e aceitar o próximo como ele é; ou seja, nem melhor nem pior, apenas diferente. Significa saber a importância da interdependência, mostrando real interesse e solidariedade pelos

outros, sem abandonar o que somos e sem negar ou negligenciar nossas necessidades. Ser autônomo é se relacionar e se comunicar com os outros espontaneamente, e não por não ter outra escolha. É escolher a cooperação, o apoio mútuo, e tomar o controle, quando necessário. E, finalmente, é integrar-se às regras da vida social, de forma a trocar um código de comportamento imposto por sistema de valores aceito livremente, onde um comportamento responsável e respeitoso para com os demais e para com a cultura comum possa ser encontrado. É sair do falso conformismo para a profunda aceitação de regras comuns, cuja validade tenha sido reconhecida e acatada espontaneamente.

Atingir a autonomia afetiva significa primeiramente ser capaz de sentir e reconhecer o que se está sentindo, expressando suas emoções. Assim, aceitar o prazer e a alegria, a dor e a tristeza, sem se esconder por trás de uma aparência de serenidade e racionalidade é um sinal de autonomia emocional. Alguém que não sabe como reconhecer e expressar suas emoções se priva de uma faculdade essencial e, desta forma, empobrece a sua vida. Além disso, as emoções que rejeitamos ou não somos capazes de aceitar têm maior poder sobre nós, justamente por não estarmos conscientes delas.

Naturalmente, a expressão das nossas emoções não elimina o respeito pela integridade alheia. Querer bater em alguém e dizê-lo é uma coisa (expressa sentimento e emoção), mas querer bater em alguém e, de fato, fazê-lo (ir à ação) é muito diferente. Os sentimentos e emoções que ativam uma situação (medo, raiva, etc.) são naturais, espontâneos e reações legítimas. “autocontrole” não é ignorá-los ou reprimi-los para que reapareçam depois de maneira mais forte e destrutiva, mas sim administrá-lo de forma dinâmica e positiva, de acordo com nossos interesses e os das pessoas à nossa volta.

Em termos espirituais, autonomia significa, antes de tudo, reconhecer uma dimensão além da nossa – ou seja, que nós não somos o começo e o fim de tudo – aceitar que esta dimensão seja explorada e retirar as conclusões essenciais da vida diária e em termos de outras dimensões. Particularmente, a necessidade de um ininterrupto processo de crescimento e desenvolvimento da consciência. Esta dimensão dá “sentido” (direção e significado) a todo o resto.

Se olharmos os princípios fundamentais do Escotismo e, em particular, às três extensões chamadas de “deveres” (Dever para com Deus, Dever para com o Próximo e Dever para Consigo Mesmo), nas quais o Escotismo baseia sua ação, é fácil notar que o que é o completo

desenvolvimento do indivíduo. No espírito do Escotismo e de seu Fundador, esta é a questão principal. Se queremos contribuir com a criação de um mundo melhor, a evolução da sociedade passa, necessariamente, pela evolução das pessoas que fazem parte desta sociedade. E esta evolução só será possível por meio do desenvolvimento integral de cada indivíduo.

É claro que o Escotismo não pretende ajudar as pessoas a atingir completamente esses ideais, a desenvolver completamente suas personalidades, pois isso é o resultado de toda uma vida! Nós também compreendemos que o Escotismo não é o único agente de educação a afetar a vida do jovem. A família, a escola e as instituições religiosas representam outros agentes de educação, cada um com seus próprios meios, poderes, fraquezas e limitações. Isso sem esquecer outros elementos, como os outros jovens, rapazes e garotas, o grupo de “colegas”, a “turma”, a mídia, etc. Todos eles representando, também, “fatores educacionais”, normalmente de natureza menos formal, embora muitas vezes mais determinantes que os primeiros.

Por esta razão, os escotistas devem ser humildes, aceitando que eles não são os únicos agentes, e portanto, não podem pretender “moldar a alma do jovem”. No entanto, o Escotismo pode representar, e muitas vezes o faz, um importante papel, pois o efeito de uma experiência no desenvolvimento de um indivíduo e na sua educação não está relacionado apenas com sua duração, mas sim com sua intensidade. A força do Escotismo está justamente nesta área. Ele permite ao jovem ter experiências pessoais e de relacionamento que são muito intensas e significativas. Na medida em que são incorporadas à história pessoal do jovem, essas experiências se tornam elementos determinantes do seu caráter.



“Individualismo superdesenvolvido significa descomprometimento, que é o oposto do que queremos. Individualismo com caráter é outra coisa, significa um homem com autodisciplina, energia, habilidade, cortesia, lealdade, e outras qualidades que vão fazer um bom homem.”

B-P.

UMA OPÇÃO EDUCACIONAL

De acordo com uma definição:

“A Educação é uma atividade exercida pela geração adulta com aqueles que ainda não estão preparados para a vida em sociedade. Seu objetivo é despertar e desenvolver na criança certas qualidades físicas, intelectuais e morais, que a sociedade como um todo, e o ambiente que ela pertence, exigem dela.”

(E. Durkheim. 1911).

Enquanto que, de acordo com outra definição:

“A Educação é uma série de métodos que permitem à criança passar por períodos de desenvolvimento que a levem a um completo desenvolvimento pessoal, tanto quanto possível, considerando a abertura dada pela sociedade a esta criança.”

(S. Lebovici, 1979).

A primeira deriva de “**educare**” (“formar”), ou seja, dar forma a algo que não a tem. A segunda vem de “**educere**” (“criar”), ou seja, dar vida a algo que já existe. No entanto, em ambos os casos, duas dimensões – individual e coletiva, pessoa e sociedade – estão inevitavelmente presentes, como se fosse inútil falar em educação sem considerar tanto o indivíduo como a sociedade.

O Escotismo de Baden-Powell incorpora ambas as dimensões. Seu objetivo é tanto personalista como comunitário. Ele enfoca o desenvolvimento do indivíduo, para que ele tome parte ativa na sociedade. Por meio do seu método, se empenha em acompanhar cada indivíduo no seu processo de desenvolvimento pessoal, defendendo “educação vinda de dentro”, em oposição à “instrução vinda de fora”. É uma questão de se desenvolver o que é bom e fazer o que está latente crescer, de forma positiva e responsável. Isto explica seu enorme sucesso desde o início, num período em que a tendência de “moldar” o indivíduo, claramente dominava o mundo da educação juvenil.

Além do fato de considerar o indivíduo como um ser único e responsável, capaz de cuidar de si mesmo, a vantagem deste ponto

de vista é que ele não vê a educação como um estágio “preparatório” que leva para a vida adulta, mas sim como algo contínuo. Cada pessoa é um ser completo em cada estágio da vida. Ele não leva o indivíduo a pensar no estágio adulto da vida – o que também implica em saber quando este estágio começa e termina – como sendo o único estágio “completo” da personalidade. Sendo que antes ou após esta fase, ele não seria ainda ou não seria mais uma pessoa completa. Quando dizemos que o Escotismo é uma escola de vida, nós queremos dizer que os jovens aprendem a levar a vida de uma maneira cada vez melhor. Em outras palavras, de forma mais consciente, desenvolvida e responsável, em cada uma das 5 áreas que já mencionamos – física, intelectual, social, afetiva e espiritual – através da vida.

Olhando por este ângulo, a pessoa é vista como uma combinação de elementos, em conjunto integrado que não pode viver isoladamente. Relacionamentos devem existir e se desenvolver: relacionamento consigo mesmo (corpo, emoções, vontade, desejos, aspirações, etc.), relacionamento com os outros (indivíduos ou grupos), relacionamento com o mundo (natureza, meio ambiente, sociedade), relacionamento com Deus (vida, morte, o além, etc). É claro, tais “relacionamentos” são construídos progressivamente, dentro de um conjunto de valores a que o indivíduo escolheu aceitar e que “dão sentido” à sua vida. De fato, no final das contas, viver significa experimentar todos estes relacionamentos de uma forma cada vez mais unificada e consciente. O relacionamento do indivíduo com o seu corpo não é independente do seu relacionamento com outras pessoas ou com Deus. É claro que a minha aparência física, o meu modo de vestir, a minha saúde e o cuidado que tenho com meu corpo influenciam a maneira como os outros me notam e a maneira como nos inter-relacionamos. O oposto também pode acontecer, uma vez que meu relacionamento com os outros influencia minha condição física e meu relacionamento com o meu corpo. Porque me importar em estar saudável se esse relacionamento acaba? O mesmo se aplica na área espiritual. Se minha fé faz de meu corpo “o templo do Espírito”, isto leva, inevitavelmente, à necessidade de “purificação”, que se reflete nas minhas ações, na maneira como percebo meu corpo e cuido dele, bem como no respeito ao corpo das outras pessoas.

Este conceito de educação, relacionado ao movimento, à vida, ao desenvolvimento de um indivíduo consciente, ativo e responsável,

que seja tanto independente quanto prestativo, não é linear. Não há uma passagem automática entre os estágios, uma vez que o desenvolvimento segue o movimento da vida, relacionado ao caráter único de cada indivíduo e à sua liberdade. Basicamente, cada pessoa se desenvolve com base nas experiências por que passa. O que nós vivemos é, na verdade, um conjunto de experiências interligadas, relativas ao indivíduo como um todo. Assim, uma experiência intelectual pode disparar sentimentos, emoções e sensações físicas, modificar a percepção que o indivíduo tem de si mesmo e dos outros, e ser a base de uma experiência espiritual. No entanto, em todas as experiências encontradas, é a pessoa que escolhe, que “decide” – não racionalmente (intelectualmente), mas com base naquilo que sente física e emocionalmente – o que vai ser retido e o que vai ser rejeitado. O que quer que se decida reter será, então, incorporando na sua experiência de vida e, conseqüentemente, no próprio indivíduo. Eu sou, de certa forma, o que faço, o que sinto, o que vivencio.

No que diz respeito à educação, isto coloca o educador, o mentor, na seguinte posição: ele apresenta as opções e o indivíduo as escolhe... se lhe forem dados os meios para tal!



“Os dois principais métodos de treinamento são:

(1) Pela Educação: atraindo o jovem e dando a ele a ambição e perspicácia para aprender por si mesmo.

(2) Pela Instituição: martelando e gravando o conhecimento na cabeça do jovem.

No Movimento Escoteiro nós usamos o número 1.”

B-P

UM SISTEMA EDUCACIONAL

Nas páginas anteriores, nos esforçamos por apresentar os princípios nos quais se apóia o Escotismo, e esclarecer os objetivos que guiam sua ação. Tudo isso faz parte de um sistema educacional que também traz um conjunto de meios concretos, sem os quais estas ideias, apesar do seu apelo, não tomariam corpo.

Outras instituições visam contribuir para o desenvolvimento de indivíduos habilitados e bem equilibrados, envolvidos com suas comunidades. O Escotismo não é a única organização que tem como objetivo o “completo desenvolvimento do indivíduo”. Entretanto, ele é sem dúvida, o único movimento mundial com este objetivo principal. Esta é a primeira e mais específica característica do Escotismo.

A segunda se relaciona ao método específico através do qual este objetivo será atingido. Este método é uma combinação de elementos que não podem ser dissociados. De fato, alguns desses elementos podem ser encontrados em outros lugares – como o “aprender fazendo”, por exemplo – mas no Escotismo eles estão intimamente unidos, completamente interdependentes, formando um sistema. Se algum deles faltar, conseqüentemente alterando a natureza do sistema, não será mais Escotismo.

Esta combinação íntima dos elementos explica a originalidade de uma abordagem que poderia ser descrita como um foguete, concebido para **colocar em órbita** – separadamente da nave que o carrega e o lança no “espaço da vida” – uma **pessoa autônoma**, ou seja, alguém capaz de fazer escolhas e controlar sua vida pessoal e social (no sentido etimológico, autonomia significa autogerenciamento); **prestativa**, capaz de mostrar preocupação com o próximo, agir com ele e para ele, e compartilhar suas preocupações; **responsável**, ou seja, capaz de assumir suas escolhas, manter seus compromissos e completar as suas tarefas; e **comprometido**, isto é, capaz de posicionar-se quanto ao respeito aos valores, causas ou ideais, e agir de acordo.

É isto que Baden-Powell quis dizer com “cidadão feliz, ativo e útil”, uma **pessoa de caráter**.

Nos três estágios do foguete, os motores de propulsão são:

1. **UMA PROPOSTA**
2. **UM MÉTODO**
3. **UMA DINÂMICA**

Os três estágios são descritos detalhadamente a seguir.

1. UMA PROPOSTA

Esta proposta é feita diretamente ao jovem, de imediato. O jovem não é convidado a **tornar-se** (depois), mas a **ser** (começando agora). Ela inclui:

Um compromisso pessoal:

O livre compromisso com um ideal de crescimento.

Responsabilidade pessoal:

Assumindo a sua posição, pegando o destino com as próprias mãos, estabelecendo objetivos pessoais e desenvolvendo continuamente a responsabilidade pessoal.

A possibilidade de agir hoje:

Vivenciando a responsabilidade, o compromisso, o desenvolvimento de habilidades, o desenvolvimento pessoal e o relacionamento com o próximo.

Auto-educação progressiva:

Ser livre, autônomo, responsável, desenvolvido, aberto e prestativo, hoje. Para ser um adulto desenvolvido, responsável e competente, amanhã.

2. MÉTODO

O método usado pelo escotista para implementar a proposta educativa e completar a missão do Movimento compreende diversos elementos que estão intimamente ligados e em contínua interação.

Em consonância com a proposta escoteira, que convida o jovem a vivenciar certas realidades hoje, preparando-se para o futuro, os elementos deste método constituem tanto um modo de viver hoje, como uma preparação para o amanhã.

Lei e Promessa:

Este é o elemento do método. A Lei é a lei do grupo, mas também um estilo de vida, um conjunto de “valores” com o qual o jovem se compromete por meio da Promessa. Para o escotista, a Lei é tanto um ideal para qualquer membro do movimento, jovem ou adulto, quanto uma ferramenta educacional, um meio de aprendizado e fonte de referência. No que diz respeito à Promessa, duas dimensões são englobadas: o compromisso de viver de acordo com a Lei Escoteira, lei do grupo e ideal de vida, mas também uma ferramenta educacional, uma forma de “aprender fazendo” nos termos de um comprometimento individual e no respeito à palavra empenhada.

Aceitar a Lei significa vivenciar um código hoje, e desenvolver para o amanhã a capacidade de seguir regras aceitas livremente.

Aceitar a Promessa significa vivenciar o comprometimento voluntário hoje, e desenvolver para o amanhã um senso de respeito pelo seu mundo.

Miguel entende que o importante não é que seus Seniores e Guias saibam a Lei de cor, mas sim que ela esteja realmente integrada nas suas vidas, guiando suas ações dentro e fora da tropa.

Sempre que tem oportunidade – o que ocorre frequentemente – ele se refere à Lei, não para lembrá-los simplesmente de um ou outro artigo, mas para fazê-los pensar sobre uma ação, comportamento ou atitude em particular. Seja envolvendo o relacionamento dos jovens entre eles mesmos, a vida do grupo, ou uma atividade, a Lei funciona como uma excelente ferramenta de avaliação, um conjunto de critérios com os quais o indivíduo pode comparar o que acontece e o que seria o ideal.

Assim, quando uma patrulha não comparece ao ponto de encontro determinado, simplesmente porque seus integrantes mudaram de ideia, a discussão com a patrulha enfoca a confiança mútua e o respeito com o próximo – neste caso, Miguel, que ficou preocupado quando a patrulha não apareceu no local combinado. Para Miguel, não é uma questão de julgar, nem de fazer os jovens se sentirem culpados, mas simplesmente torná-los conscientes das consequências da sua decisão precipitada. Tornar-se um adulto também é antever e assumir as possíveis consequências pelas decisões que tomamos.

Com respeito à Promessa, Miguel não a considera como o reconhecimento de um escoteiro perfeito ou ideal. É um sinal, um compromisso assumido pelo jovem, grupo e o ideal escoteiro, e que “fará o melhor possível” para seguir essas regras e viver de acordo com esse ideal, no seu cotidiano.

Na prática, Miguel trata a Promessa com um certo grau de formalidade. Ele se empenha em fazer dela um momento importante para cada jovem, um marco na sua vida pessoal, mas nunca um rito de iniciação ou sacramento!

Operação em pequenos grupos:

O que Baden-Powell chamou de “sistema de patrulhas” é um elemento fundamental do Escotismo.

O pequeno grupo (a equipe, a patrulha, etc) é a célula básica no Escotismo. Ele se compõe de 6 ou 8 jovens – um pouco menos, em algumas Seções – tendo um deles como “líder” (monitor). De forma simples, usa-se a dinâmica natural dos jovens, sua tendência a viver em grupos e se organizar. Alguns desses grupos reunidos – normalmente 4 – formam uma tropa, que se beneficia do apoio de um líder adulto (escotista).

O sistema funciona bem, quando respeitado, isto é, quando a iniciativa parte da patrulha, quando o jovem participa diretamente nas decisões que lhe dizem respeito, na escolha de atividades a serem feitas, e quando os adultos envolvidos são verdadeiramente prestativos e permanecem ao lado dos jovens, para ajudá-los a ter sucesso.

Em outras palavras, a “patrulha” não é uma subdivisão da tropa, assim como o monitor não é um canal de comunicação para “ordens” e “decisões” tomadas pelos líderes adultos.

Dentro dos pequenos grupos e nas atividades diárias, os laços entre os membros são criados e reforçados. Cada um descobre os outros, passa a conhecê-los com suas forças e limitações. Cada um sabe até onde pode contar com os outros, e em que áreas, e cada um também descobre a contribuição que pode dar para a vida da equipe. É, na verdade, uma experiência de vida que os jovens compartilham dentro do pequeno grupo, com seus altos e baixos, horas boas e dificuldades, e talvez rompimentos.

Para Miguel, este não é sempre um caminho fácil de ser seguido, uma vez que ele às vezes pensa que economizaria muito

tempo se tomasse as decisões ele mesmo. Afinal de contas, ele é um adulto, ele já passou por estes estágios, e sua experiência seria suficiente para convencer seus escoteiros. Infelizmente, não é assim que funciona, e “a experiência é uma tocha que somente lança luz na direção da pessoa que a carrega”. A experiência adquirida no pequeno grupo, pelos jovens, é insubstituível. Miguel se recorda de que, quando ele iniciou sua tropa, algum tempo atrás, levou quase um ano para formar as patrulhas. Mas valeu o tempo gasto! As patrulhas que se formaram eram unidas, fortes, capazes de tomar decisões, de participar e delegar tarefas. Os jovens sabem como dividir tarefas entre si. Se Miguel, sozinho, tivesse formado as patrulhas e dividido o grupo principal desde o início, nunca teria alcançado este resultado. Essa experiência o ajudou a compreender a validade da intuição escoteira, ou seja, o uso dos mecanismos naturais dos jovens, seu dinamismo e tendências naturais, e a confiança em suas forças.

VIDA EM EQUIPE

Aprender hoje que papel desempenhar e que lugar tomar entre os outros.

Fazer sua opinião ser ouvida, participando nas decisões, influenciando o rumo das coisas.

Ouvindo o ponto de vista dos outros, conversando, aceitando opiniões e ideias diferentes.

Participando ativamente dos acontecimentos.

Aprendendo, para o amanhã, a ouvir, participar, aprendendo a democracia, responsabilidade e o respeito aos compromissos.

Vivenciando, hoje, a solidariedade e interdependência, a atenção e respeito para com os outros, desenvolvendo o senso de serviço para o amanhã.



Aprender fazendo:

Inicialmente, e na mente de muitos, isto significa simplesmente substituir o ensino teórico, dos livros, pela prática concreta da técnica ou habilidade a ser desenvolvida. Entretanto, aprender fazendo é muito mais que adquirir conhecimentos técnicos – como fazer um nó para aprender a dar um nó. É possível usá-lo em todas as áreas de desenvolvimento do indivíduo. Assim, a vida em equipe permite ao indivíduo aprender a se relacionar com os outros, a Promessa ensina compromisso, e a prática de serviços cria uma consciência de solidariedade. “A escola da vida” tem duplo sentido, pois significa aprender a viver – ou seja, adquirir informação útil, habilidades e atitudes para levar uma vida autônoma, prestativa e responsável – assim como significa aprender sobre a vida – ou seja, tirando vantagem de tudo que acontece no grupo, as atividades executadas e as situações que cada indivíduo encontra no contexto da vida em equipe.

O Escotismo consiste em enriquecer os atos simples da vida cotidiana com conteúdo educacional, o que se faz, especificamente, por meio do esforço para acompanhar e avaliar ações, de forma a retirar das experiências encontradas todos os aspectos que contribuam para o desenvolvimento de cada indivíduo, em uma área ou outra.

Para Miguel, enriquecer a ação é um desafio constante. Significa garantir que tudo que aconteça dentro da tropa e as atividades desenvolvidas, contribuam para o crescimento dos jovens, em uma área ou outra. Naturalmente, quando os jovens expressam suas próprias ideias, eles tendem a procurar primeiro a aventura, a exploração e as atividades de que gostem. Eles não se importam com o conteúdo “educacional”. De fato, para Miguel, o problema reside em garantir que as atividades tenham conteúdo educacional, sem que isso seja, necessariamente, claramente expresso e explícito desde o início até o final da atividade.

TRABALHAR PARA APRENDER EM TODAS AS ÁREAS

Traduzir o centro de interesse de alguém em ação, hoje, estimulando no amanhã o senso de descoberta, a curiosidade de experimentar e o desejo de participar ao invés de assistir.

Desenvolver as habilidades úteis e os meios de lidar com situações, hoje. Dar-lhe os meios de enfrentar os desafios e adquirir o desejo de continuar a desenvolver estas habilidades no futuro.

Outro problema que ele enfrenta é garantir que as diferentes atividades sejam bem distribuídas ao longo do tempo, de forma que, no conjunto, elas contribuam para um “total desenvolvimento” dos membros da tropa.

Todos nós, inclusive Miguel, conhecemos as Tropas “Rambo”, nas quais a maioria das atividades enfoca apenas o desenvolvimento físico, esportes e “desafios”, ignorando as outras dimensões. Graças às suas habilidades profissionais, seria fácil e tentador para Miguel envolver seus Seniores e Guias em diversas atividades relacionadas com computadores, desta forma introduzindo “novas tecnologias” nas atividades escoteiras, nas quais os jovens se envolveriam totalmente, resultando numa tropa de intelectuais fracotes.

Nem sempre é fácil ser escotista!

Marcos Simbólicos:

Desde sua criação, o Escotismo criou um simbolismo – o do mateiro, o do amante dos espaços ao ar livre, o do explorador – que excitava a imaginação do jovem – e ia ao encontro ao seu desejo por algo maravilhoso.

Quantos jovens, na Inglaterra de 1907, podiam correr de bermudas pelo campo, fazer pão-de-caçador, fazer fogueira, seguir trilhas e dormir numa barraca? Naquele tempo, o Escotismo simbolizou liberdade de movimento, vida ao ar livre, desembaraço e não-conformismo, por meio dos quais as qualidades do indivíduo, sua motivação e sua habilidade para desempenhar um papel original e ativo na sociedade, podiam se desenvolver livremente.

Depois, em outros lugares e para faixas etárias diferentes, outros marcos simbólicos foram usados – vida na selva, a “criança” e a organização social da Alcateia para os Lobinhos, baseada no Livro da Jângal; o exemplo do Cavaleiro, para disseminar os ideais de serviço e generosidade, coragem e abnegação; o índio vivendo na natureza, a coragem, a tribo, a simplicidade de costumes, a originalidade dos Escoteiros entre pessoas comuns; o combatente e libertador, com força e caráter, capaz de sobreviver em ambiente hostil, cercado de inimigos, mas um defensor da boa causa, da justiça e liberdade; ou o pioneiro, o descobridor de um novo mundo e um construtor confrontado

com a realidade, que constrói pontes através de vales.

Outros simbolismos e outros marcos caracterizaram o Movimento, variando, naturalmente, de acordo com a cultura em que estavam inseridos.

Cada um destes marcos corresponde a um estágio na história do Movimento e da sociedade em que ocorreu. O que todos têm em comum é que, para os jovens envolvidos – garotos e garotas – eles dão uma referência tangível de ideal. Eles estimulam a criatividade e os encorajam a inventar atividades, objetos e imagens que os transformarão, por um momento, em heróis dentro deste simbolismo.

**ABRACE A REALIDADE
ATRAVÉS DA FICÇÃO**

Liberte a imaginação num mundo de ficção para estimular a capacidade de criar, inventar e maravilhar-se, que é indispensável para uma vida mais intensa e rica. Vivencie, de maneira adaptada ao nível de desenvolvimento da pessoa e aos seus centros de interesse, um papel individual para ser desempenhado e um lugar para ser conquistado. Viva total e intensamente os sonhos e marcos simbólicos da sua idade, de forma a ter uma vida adulta melhor no amanhã, sem arrependimentos ou experiências perdidas, que se desvanecem para sempre.

Não se trata de fugir à realidade, mas de projetar-se no futuro e em outro ambiente, de preparar-se para enfrentar desafios neste mundo imaginário, excitante e dinâmico, de confrontar os desafios da vida cotidiana, da realidade, da vida como ela é e das pessoas como elas são. Aí reside outra característica essencial do Escotismo: prender o interesse do jovem usando sua imaginação, sua capacidade de maravilhar-se e mergulhar totalmente num mundo novo, diferente mas, para ele, um mundo não tão distante da realidade e que muitas vezes constitui um caminho privilegiado para a realidade. Esta é uma das forças essenciais nos jogos naturais das crianças. Rejeitar a passagem através do imaginário e da ficção é simplesmente barrar o caminho para a realidade.

O final de semana passado da tropa foi o “desafio do urso polar”. Com sapatos de neve nos pés, Miguel e sua tropa caminharam na neve, construíram iglus para passar a noite e colheram madeira seca debaixo das árvores para fazer uma fogueira. As montanhas Jura, a

30 Km de Genebra, tornaram-se o extremo norte do Canadá e, no que diz respeito aos jovens, foi uma grande aventura que nada teve a ver com as excursões dominicais com a família. Aqui, era uma questão de sobrevivência, no vento e no frio, à noite, sob as estrelas... e blocos de gelo. Todos voltaram com histórias para contar e o sentimento de terem feito uma grande exploração. Não foi uma questão de poder se gabar, mas apenas de poder dizer: “Eu excedi meus limites naquela noite. Foi uma experiência real, e o ‘urso polar’ me ajudou”.

Progressividade:

Por meio das atividades e da vida em equipe, cada Escoteiro progride em uma área ou outra. Cada um progride através de objetivos relacionados às várias áreas de desenvolvimento. As atividades, enriquecidas pelo conteúdo educacional, são concebidas de maneira a apoiar este desenvolvimento pessoal. Mesmo que, no que se refere ao jovem, a ênfase seja na atividade, no desafio que ela representa, no interesse que ela desperta e no prazer de estar imerso no meio da ação, a atividade é, na realidade, direcionada para um objetivo que não precisa ser necessariamente esclarecido no início. A diversão no jogo é suficiente para que se queira jogá-lo. Seu valor será descoberto depois.

Pela Promessa, cada Escoteiro assume o compromisso de “fazer o melhor possível”, e o critério real de avaliação de progresso é a distância percorrida pelo indivíduo, considerando o ponto em que ele iniciou a caminhada. Em certas atividades, a competição é apenas um fator de estímulo e motivação, mas em nenhum caso deve servir de critério para avaliação de progresso.

Se alguém fosse escalar o monte Kênia, o objetivo principal seria chegar ao topo, mas não necessariamente ser o primeiro a chegar lá, ou obter sucesso na primeira tentativa. Na tropa, o sucesso coletivo é mais importante que explorações individuais. É a patrulha completa que alcança o cume, uma vez que cada um ajudou ao outro, com os mais fortes apoiando os mais fracos.

No Escotismo, o progresso é frequentemente reconhecido por meio de distintivos. Eles são feitos para mostrar que o jovem atingiu uma habilidade que pode ser colocada a serviço da coletividade. Não se trata de colecionar distintivos, mas de alcançar progresso pessoal.

Para Miguel, que está ciente do propósito do Movimento e dos seus objetivos educacionais, nem sempre é fácil fazer seus Seniores e Guias assumirem a responsabilidade por si mesmos e estabelecerem seus próprios objetivos de crescimento. Ele entende que não é só porque a Associação trabalhou muito para estabelecer cuidadosamente estes objetivos que eles se tornarão realidade e serão adotados pelos jovens. No final das contas, ao longo da sua existência, cada indivíduo decide em que direção quer ir e que objetivo espera alcançar. Ninguém pode fazer isso por ele. Tudo que as outras pessoas podem fazer é despertar e incentivar seu interesse, e acompanhá-lo no seu caminho até o objetivo escolhido, oferecendo a ele os meios para atingi-lo e ajudá-lo a ter sucesso.

Miguel notou que, para Marcos, a integração dentro da tropa e a aceitação pelos outros era muito importante. Ele apenas observou a forma como Marcos, o novo membro, olhava, com inveja os mais antigos, que se sentiam bem integrados e à vontade. Na última reunião, ele deu a Marcos a oportunidade de mostrar quanto ele era capaz, com uma bateria, e assim encontrar um lugar entre os membros da banda de rock da tropa. Dessa maneira, ele foi capaz de se integrar à tropa e, durante a sessão de avaliação, foi seu o prazer de, agora plenamente aceita pela tropa, compartilhar com os outros sua alegria.

SABER PROGREDIR



Assumir, hoje, a responsabilidade por si mesmo, estabelecer objetivos de crescimento nas variadas áreas de desenvolvimento e medir a distância percorrida. Notar o progresso alcançado considerando o ponto de início, ao invés de comparar ou competir com os outros.

Desenvolver, hoje, as habilidades de forma a ser capaz de desempenhar um papel ativo na vida do grupo e da comunidade.

Desenvolver a curiosidade e do desejo de aprender e descobrir, de forma a continuar vivendo a realidade do amanhã, ao passo da evolução, progresso e mudança.

Relacionamento adulto-jovem

O Escotismo é um movimento de jovens no qual os adultos desempenham um importante papel de apoio. Tanto os jovens quanto os adultos compartilham os mesmos ideais e os mesmos compromissos. Eles são unidos pela mesma Promessa e seguem a mesma Lei. Eles são, portanto, parceiros, comprometidos com o mesmo objetivo: e suas características. Não se trata de termos adultos interpretando o papel de crianças, nem de jovens pegando “atalhos”, ignorando suas preocupações, largando os seus interesses, e vendo sua juventude como um estágio a ser vencido o mais rápido possível, para poder entrar logo nos “assuntos sérios”.

Os jovens precisam dos adultos para ajudá-los a atingir suas metas, desenvolver sua autoconfiança, descobrir seus limites, encarar a realidade de outro estágio na vida, e achar uma referência, alguém com quem eles podem falar.

Os adultos precisam dos jovens para desafiá-los e para fazê-los questionar a validade e autenticidade das suas decisões e compromissos. Os jovens ajudam os adultos a manter o frescor e curiosidade de alguém que está descobrindo as coisas pela primeira vez.

Nestas bases de compreensão e respeito mútuo, de parceria e comunhão, o Movimento favorece o diálogo entre as gerações, um diálogo livre de lutas de poder, ansiedade e intenções para com os outros. Cada um aceita o outro como ele é, seja jovem ou adulto. Entretanto, isso não implica em indulgência com comportamentos ou atos que mereçam crítica. Isto nos leva a uma atitude positiva em termos de se aceitar e ouvir os indivíduos.

No que concerne ao adulto, a atitude educacional consiste em ouvir os jovens, estando preparado para conversar com eles, esforçando-se em valorizar o aspecto positivo, incitando à autoconfiança, para assegurar e criar um ambiente seguro em que os jovens possam experimentar e descobrir. O adulto deve providenciar para que tudo o que aconteça seja avaliado e colocado em perspectiva, para que as habilidades e conhecimentos adquiridos, as consequências e o progresso atingido sejam claramente identificados e integrados à experiência de vida de cada indivíduo.

No dia 11 de março, no jornal, Miguel leu sobre dois

adolescentes, Verônica e Sebastião, que haviam sido acusados de assassinar outro jovem. De acordo com o advogado de Verônica, o que surgiu das primeiras conversas foi *“uma total falta de comunicação com os adultos, incluindo sua família”*. Logo abaixo, na mesma matéria, o pai de Verônica afirmava que *“Eu me sinto culpado pelo que aconteceu com minha filha. Se pudesse tomar o lugar dela, eu o faria, acredite”*. Isto não significa que faltavam a Verônica uma “base”, “bons conselhos”, ou exemplos que permitissem a ela se “autodisciplinar”. Significava que a falta de comunicação e a “não-presença” de adultos havia resultado num vácuo existencial, numa angústia enorme e uma total falta de referências, que levaram ao irreparável.

**VIVER O DIA-A-DIA COM
INTERAÇÃO E DIÁLOGO
ENTRE AS GERAÇÕES**

Vivenciar uma relação positiva e recompensadora com adultos, baseada em autenticidade e confiança, diálogo, compreensão (ouvir o jovem) e um compromisso compartilhado para atingir valores comuns.

Desenvolvendo para o futuro um senso de respeito mútuo entre jovens e adultos, o hábito e a prática de diálogo entre gerações.

Obviamente, isto é uma notícia, um ato extremo a que nem todos os jovens são levados, mas o que incomoda Miguel é a importância que a falta de contato com adultos teve neste caso. Como resultado, ele sente se reafirmar o envolvimento com os jovens da sua tropa, para quem ele oferece o apoio e a fonte de referência de um adulto disposto a ouvi-los, assim como o estabelecimento de limites e de exigências. Seu papel entre os jovens não é fácil e exige muito dele, mas com base no que leu no jornal, e no que pode acontecer a outros jovens sem fontes de referência, ele sente que o esforço, certamente, é válido!

Contato com a natureza:

A natureza é um cenário privilegiado para as atividades escoteiras. No início, B-P, que estava habituado a viver ao ar livre, a viajar de fora a fora pelos vastos espaços do Sul da África, a acampar e rastrear, foi buscar na sua própria experiência pessoal a inspiração para oferecer atividades interessantes para os jovens.

Certamente, é num cenário natural que a pessoa é mais diretamente confrontada com realidades que não podem ser imitadas. Na natureza, as distâncias, o frio, o calor, a chuva, a neve, o vento e a seca são elementos de que não se pode escapar, a que se tem que adaptar, e encontrar reações apropriadas. Além disso, se alguém tenta viver em harmonia com a natureza, inevitavelmente redescobre a simplicidade e se livra das coisas supérfluas da vida na cidade. De fato, foi no deserto que muitos profetas e místicos encontraram Deus! Portanto, a natureza pode ser um templo.

Quando nós falamos em “natureza” e “ar livre”, nós estamos falando sobre natureza real – o campo, a floresta, o deserto e os bosques, e não apenas o parque da escola ou a área de camping mais próxima. Mesmo que as circunstâncias não tornem fácil uma real visita á natureza, e mesmo que nem todas as atividades escoteiras sejam realizadas em contato com ela, acampamentos e bivaques ao ar livre continuam sendo indispensáveis. Sem eles, não pode haver Escotismo de verdade.

Viver na natureza também quer dizer viver em harmonia com a natureza, respeitá-la e protegê-la. Para os escoteiros, a primeira atividade de “preservação ambiental” é reconhecer e observar as regras básicas para acampar e caminhar em harmonia com a natureza. Apenas mais tarde serão feitas as atividades específicas de preservação ambiental, que enriquecerão a dimensão “natural” do Escotismo. Duas semanas de acampamento no verão, um acampamento de final de semana por mês durante o ano, qualquer que seja o clima – para Miguel e sua tropa este



A NATUREZA

Descobrir, em contato com a natureza, suas próprias dimensões e limites. Vivenciar a interdependência de todos os elementos naturais e a necessidade de preservá-los. Desenvolver uma atitude e comportamento responsáveis, para o futuro, que respeitem o equilíbrio da natureza.

é o mínimo indispensável. Os locais são sempre escolhidos com cuidado e visitados com antecedência, de forma a oferecer muitas possibilidades para atividades, descobertas e desafios e a permitir a prática do “acampamento inteligente”. Neste ambiente, todos podem se por à prova e confiar nos recursos, seus próprios e da tropa, para superar obstáculos. Não há espaço para supérfluos no campo; a vida da cidade é deixada para trás e a questão passa a ser redescobrir uma forma de viver confortavelmente com simplicidade. Miguel aprecia esta oportunidade, para que ele mesmo, e a tropa, possam se reorientar, ligando-se às coisas básicas e libertando-se por um tempo de uma série de dependências. Na natureza, a tropa se redescobre e se une. É desta forma que a cumplicidade entre todos é construída, que se desenvolve a comunhão, e que o sentimento de pertencer a um grupo diferente de qualquer outro – da cidade ou da escola – é reforçado.



3. DINÂMICA

Sem este aspecto, os elementos do Método perderiam sua eficácia. A maneira como são usadas as ferramentas é tão importante quanto as próprias ferramentas. Independente da ferramenta educacional utilizada, a dinâmica compreende quatro elementos intimamente relacionados e totalmente interdependentes:

- Os objetivos educacionais
- As atividades
- O funcionamento
- A dinâmica da seção

Entretanto, cada um destes elementos e sua interação devem

ser considerados de forma diferente, dependendo de estarem sendo considerados no nível nacional ou local. Em nível nacional, é uma questão de resultado lógico, de uma definição teórica (apesar de poder ser bastante tangível) de cada um dos elementos. Em nível local, individualmente, é uma questão de aplicação prática no cotidiano e em situações reais.

Em nível nacional:

Projeto do Programa para Jovens

- **Os Objetivos Educacionais**

Sendo esta uma questão de objetivos finais – resultado esperado em cada uma das áreas de desenvolvimento para um jovem que deixa o Movimento após completar todo o programa educativo – ou de objetivos intermediários – resultados esperados em cada uma das áreas ao final de um estágio específico (passagem para o ramo seguinte, quando chegar o momento) – eles dão um sentido (significado e direção) à ação desenvolvida e expressam o que se busca atingir de forma tangível e mensurável.

Os objetivos definidos no nível nacional, pela associação, dentro do escopo de seu programa, não são aplicados diretamente a cada indivíduo, seção ou grupo. Eles podem servir como instrumentos por meio dos quais se mede a qualidade educacional de uma seção, e para verificar se o programa da associação é congruente com as necessidades dos jovens em dado momento e em determinada situação.

- **O Funcionamento**

O programa define estruturas, organogramas, responsabilidades, sistemas de assembleias e conselhos, mecanismos de tomada de decisão, o papel e as áreas de atuação dos adultos, etc., para cada nível e para todos os níveis em conjunto. O método de funcionamento e cada um dos elementos que o compõe (por exemplo: o papel e áreas de atuação dos adultos), devem ser consistentes com o resto – os outros elementos da dinâmica, as

ferramentas educacionais e propósitos – assim como com o objetivo final. Seria, por exemplo, muito difícil promover a auto-responsabilidade do indivíduo, numa seção ou num grupo em que todas as decisões fossem tomadas de “cima para baixo”. Desta forma, seria difícil falar sobre educação para a autonomia. O método de funcionamento apresentado pela associação, no nível nacional e no nível intermediário, tem um papel de “moldagem” ligado à proposta educacional e à missão.

- **As atividades**

Dentro da estrutura de programa da associação, as atividades são meios de se atingir objetivos e, por meio deles, atingir os propósitos do Movimento. Entretanto, não é apenas a natureza da atividade que faz dela uma atividade escoteira, pois a maneira como ela é tão importante como a própria atividade. Por exemplo, você pode acampar de uma forma que não tenha nada a ver com Escotismo, e muitas pessoas o fazem. Apesar de ser considerado “ar livre”, o pátio da escola nada tem a ver com a “natureza” citada por B-P, que a vida como um ambiente privilegiado para as atividades escoteiras.

Não podemos esquecer que um dos segredos do Movimento é enriquecer as atividades naturais e espontâneas das crianças e jovens com um conteúdo educacional, usando seu dinamismo, sua curiosidade, seu desejo de ser parte de um grupo, seu gosto pela aventura, etc. Assim como utilizar os elementos do dia-a-dia, tais como se alimentar, procurar abrigo, vestir-se, etc., com fins educacionais.

Significa também começar pelos centros de interesse dos jovens, propondo atividades das quais eles gostariam de participar. Não basta que uma atividade seja “bem bolada”, consistente com os objetivos traçados, útil para a comunidade, bem preparada, etc.; é preciso que ela seja atraente para o jovem, se quisermos atingir algum propósito. Naturalmente, estas atividades têm que ser orientadas para o objetivo estabelecido, evitando-se o risco de organizar uma atividade pelo propósito de fazer uma atividade, pois “temos que fazer atividades”.

- **A Dinâmica do Grupo**

Tudo que se pode fazer, no nível nacional, é reconhecer a importância e o valor deste elemento no sucesso ou fracasso de um

grupo ou seção. Independentemente das numerosas experiências de aprendizado no que concerne à comunicação, responsabilidade, compreensão e respeito ao próximo, muitas outras experiências deste tipo acontecem dentro da vida de um grupo.

A estrutura proposta pela associação para o nível local é importante – o tamanho ideal das seções, a idade e o sexo dos seus integrantes, o relacionamento entre seções de um mesmo grupo, o grau de independência e autonomia, etc. Da mesma forma é importante a definição dos papéis e funções dentro das seções e dos grupos.



Em nível local:

Implementação do Programa

- **Os Objetivos Educacionais**

Para o conjunto de jovens, bem como para cada um deles, em particular, os objetivos educacionais indicam a direção e a destinação, mas depende de cada um – o jovem e a seção – com a assistência de um chefe adulto, formular os objetivos que se quer alcançar, e então avaliar o curso tomado para atingi-los.

É função do adulto, ao longo de um certo período de tempo, verificar que os objetivos estabelecidos pelos jovens, com a sua assistência, correspondam às diferentes áreas de crescimento, e assim garantir o completo e harmonioso desenvolvimento dos indivíduos e da seção como um todo.

- **O Funcionamento**

O ideal é alcançar a implementação progressiva dos elementos

estruturais fornecidos pelo programa da associação, de acordo com o ritmo da seção, sua história e seu nível de maturidade.

Isso trará a congruência entre as necessidades da vida da seção e as atividades e o método de funcionamento. Congruência de tudo com os objetivos estabelecidos.

Por exemplo, uma seção imatura, que não seja muito unida, terá dificuldades em trabalhar de forma independente e responsável. Para garantir o sucesso de uma atividade deve-se adotar uma atitude mais “diretiva”, contribuindo para a união da seção e ajudando-a a se tornar mais madura, responsável e autônoma.

Por outro lado, uma atitude intervencionista de um adulto numa seção capaz de assumir responsabilidades poderá gerar rebelião ou fazê-la retroceder para um estado de dependência.

- **As Atividades**



Enquanto o programa certamente tem um número de aspectos permanentes, a escolha das atividades, a maneira de implementá-las, os resultados obtidos e seu impacto na seção e em cada membro são específicos para cada seção. Atividades padronizadas, concebidas no nível nacional para a seção “comum”, podem servir como modelo ou para ajudar uma seção recém-criada. No entanto, a seção deve assumir a responsabilidade por suas próprias atividades, idealizando e implementando atividades que sejam atraentes para seus membros, levando em consideração as condições em que esteja operando.

É responsabilidade do escotista enriquecer as ideias e desejos dos jovens dentro das atividades, de forma que tenham um conteúdo “educacional” explícito; ou seja, elementos que contribuam com o crescimento individual e o atingimento de objetivos estabelecidos.

Também é função do escotista garantir que a variedade de atividades cubra um espectro mínimo de objetivos, de maneira que seja alcançado o completo e harmonioso desenvolvimento do indivíduo.

- **A Dinâmica da Seção**

Este é um fator determinante na vida diária. Sua qualidade e abundância determinam a qualidade das atividades desenvolvidas.

Além disso, sem precisar recorrer às “atividades” específicas, a seção é um lugar onde se aprende sobre relacionamentos, respeito, diálogo, responsabilidade, compreensão, etc.

Nos níveis nacional e local:

Nesses termos, fica claro que o programa desenvolvido por uma associação não toma forma até que seja colocado na perspectiva da realidade local.

O papel do escotista é de suma importância, pois ele tem que ter uma clara compreensão do programa e ser capaz de implementá-lo, levando em consideração a realidade da sua seção.

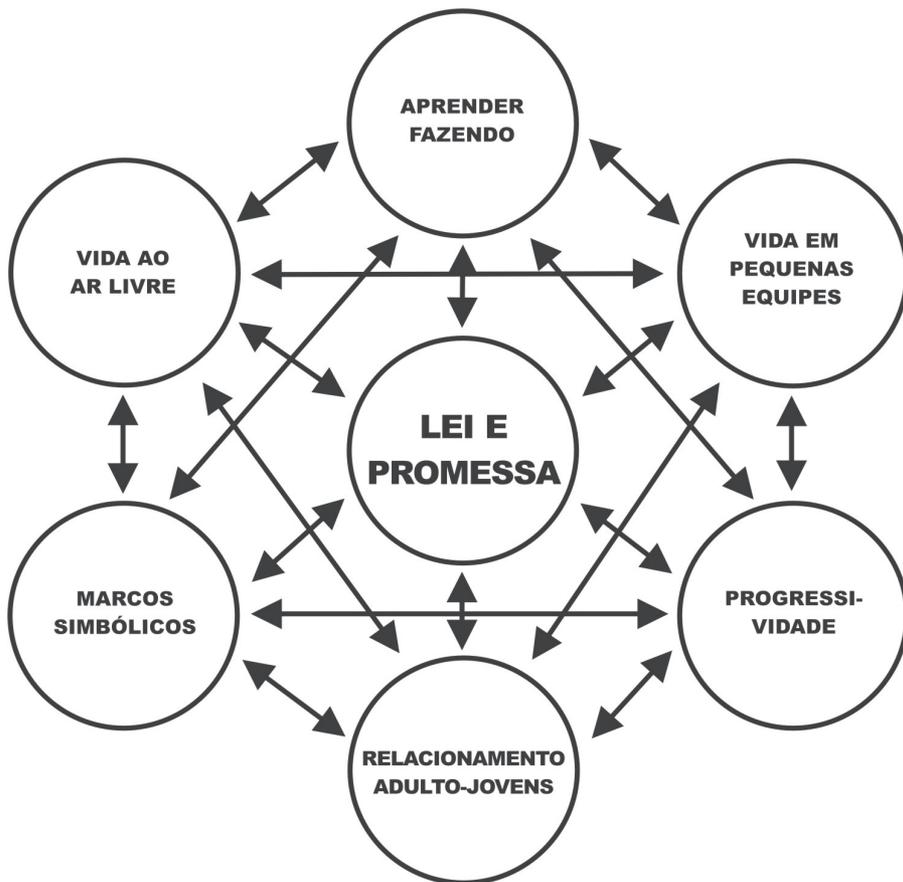
Se ele não tiver um conhecimento adequado do programa da associação, obviamente não terá condições de adaptá-lo – você não pode adaptar algo que não compreende – e acabará improvisando algo que pode até funcionar, mas que terá pouco a ver com Escotismo. A arte do escotista é colocar o Escotismo em prática e garantir que funcione; ou seja, garantir que o que acontece na seção realmente ajude os jovens a se desenvolver em termos de autonomia e solidariedade.

“Nosso método de treinamento é educar a partir de dentro, ao invés de instruir de fora; oferecer jogos e atividades que, enquanto são atrativas para os garotos, vão educá-los moral, mental e fisicamente, de forma séria.”

B-P



ELEMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO



Nota do Editor: Esta é uma forma usada pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro para apresentar como alguns dos elementos do Método Escoteiro interagem na dinâmica da aplicação do Escotismo. O Método Escoteiro, entretanto, é composto por cinco pontos, que são: a) Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira; b) Aprender fazendo; c) Vida em equipe; d) Atividades progressivas, atraentes e variadas; e e) Desenvolvimento pessoal com orientação individual. Estes cinco pontos reúnem tanto os elementos que estão dispostos no gráfico acima como outros elementos mais, e podem ser encontrados nos documentos próprios da União dos Escoteiros do Brasil.

CONCLUSÃO

Ao escrever este livro, estávamos pensando em todo escotista e sua seção.

Nós escrevemos para uma pessoa imaginária, trabalhando em seu ambiente e condições específicas. Obviamente, o propósito, o método e o espírito do Escotismo são universais. Entretanto, as condições e o ambiente sócio-cultural em que o propósito, o método e o espírito são implementados não o são. Na prática, tudo tem que ser adaptado, fizemos de “Miguel” um “especialista em computadores”. Nem todo mundo é um especialista em computadores, mas não é isso que interessa. O que interessa são as razões que o levaram a praticar Escotismo, a trabalhar com os jovens, e a maneira como o faz.

Em outros lugares, ele se chamaria Ahmed, John, Carlos ou Koffi, e seria funcionário público, balconista, artesão, professor ou qualquer outra coisa. A tropa pode não ser mista, como a retratada nesta publicação. Poderia também ser uma Alcateia, com Lobinhos entre 7 e 10 anos, ao invés de adolescentes entre 14 e 17 anos. Isso não muda nada de essencial a respeito deste livro, e fica a critério de cada leitor interpretar o texto de acordo com as condições em que trabalha.

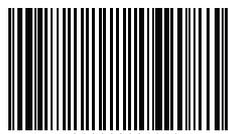
Lobinhos certamente não participariam da tomada de decisões da mesma forma que Seniores e Guias. O que interessa é que seus escotistas entendam – se quiserem praticar Escotismo – que devem achar meios de permitir que Lobinhos, dentro dos limites de suas capacidades, e no nível correspondente ao seu desenvolvimento, tomem parte no processo de tomada de decisões. O escotista deve – se quiser fazer Escotismo – desenvolver a responsabilidade dos jovens, praticando responsabilidade; isto é, confiando a eles verdadeiras responsabilidades dentro da seção. Se tentássemos levar em conta todas as variações e todas as diferenças sociais e culturais (entre outras), teríamos que escrever 25 livros (pelo menos)! Entretanto, estamos confiantes que, aqueles que lerem este livro vão perceber que: *“Naturalmente, as condições sob as quais eu vivo e trabalho não correspondem às que estão descritas nesta publicação... Obviamente, minha tropa é diferente da que está descrita... É claro que nunca neva no meu país e, portanto, jamais poderia construir um iglu... Mas são as ideias que contam. Elas fazem pensar, e tendo lido este livro, eu tenho, agora, melhor compreensão do que é Escotismo e de tudo que deve ser feito para dirigir uma tropa, de acordo com o Método Escoteiro.”*

Esperamos ter atingido o nosso objetivo.









100000001212

...uma visão **PRÁTICA** dos
FUNDAMENTOS.

...o **PROGRAMA** e o **MÉTODO**
tal como devem ser aplicados.

...essencial para você que
possa compreender o **MACPRO.**



ESCOTEIROS
DO BRASIL